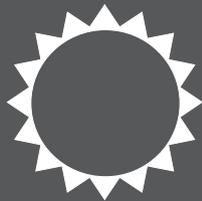




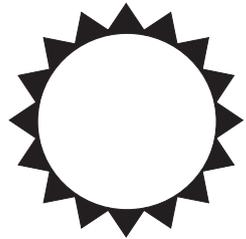
OS HOMENS QUEREM GUERRA



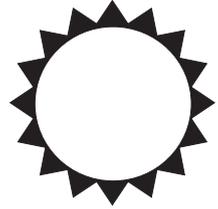
Sanxer Lacerda

A história do Coronel Zuza Lacerda e da
República da Estrela no sertão paraibano

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



OS HOMENS
QUEREM
GUERRA



OS HOMENS QUEREM GUERRA

A história do Coronel Zuza Lacerda e da
República da Estrela no sertão paraibano

Sanxer Lacerda

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Sanxer Lacerda

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Amanda Lacerda
Foto da capa: Sanxer Lacerda
Capa e diagramação: Manoela Dourado
1ª edição – Setembro de 2022

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lacerda, Sanxer

Os homens querem guerra : história do Coronel Zuza Lacerda e da República da Estrela no sertão paraibano ; Sanxer Lacerda. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2022.
152 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-7142-140-0

1. Boa Ventura, PB – História 2. Lacerda, Zuza, 1838-1926,
I. Título

22-4877

CDD 981.33

Índices para catálogo sistemático:

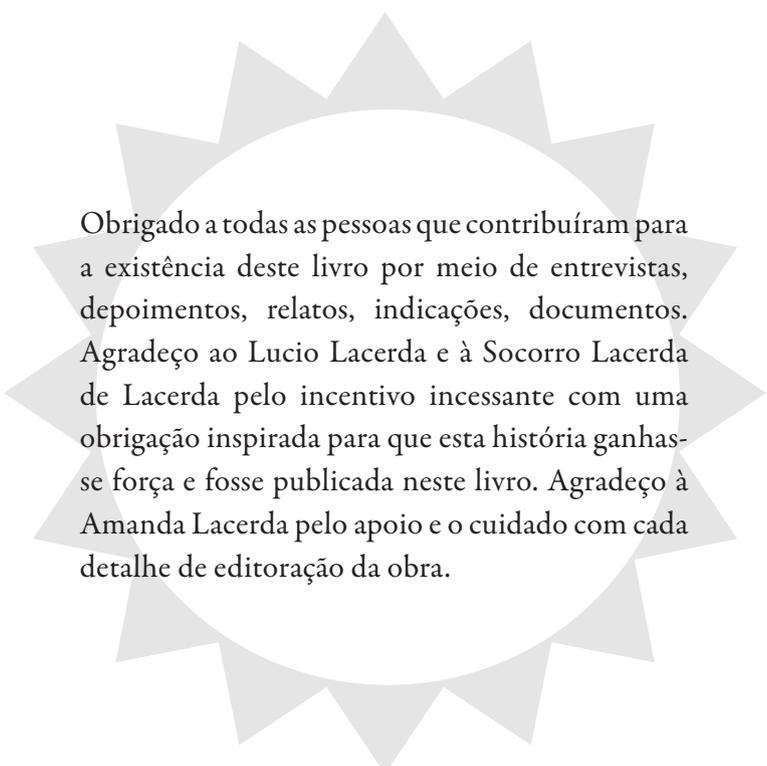
1. Boa Ventura, PB - História

Dedico esse livro ao meu avô José Cavalcante de Lacerda (Zé Zuza), de quem ouvi o relato de vários acontecimentos de seus verdes anos na casa grande em Curral Velho – PB. Fatos estes que serviram de ponto de partida para esta pesquisa. Ele foi, do meu convívio, a pessoa mais próxima ao Coronel Zuza.

Dedico este trabalho também a minha mãe, Maria Paulino de Lacerda, que no ano de 1962 registrou e guardou consigo, até o dia de sua morte, um documento escrito sobre o Coronel José Cavalcante de Lacerda Zuza e a República da Estrela, narrado por Zé Zuza. Texto escrito pelo seu próprio punho, em nossa casa na cidade de Conceição do Piancó, esse documento raro, que foi encontrado junto ao seu diário, me serviu de espinha dorsal para a realização deste livro.

Por último, e não menos valioso, dedico esta obra ao meu tio José Estrela de Lacerda, que enquanto em vida, como numa missão, contou incessantemente tudo que sabia sobre a República da Estrela para as gerações mais novas na ânsia de que esta história não fosse jamais apagada pelo tempo.

A estes tenho minha imensa gratidão.



Obrigado a todas as pessoas que contribuíram para a existência deste livro por meio de entrevistas, depoimentos, relatos, indicações, documentos. Agradeço ao Lucio Lacerda e à Socorro Lacerda de Lacerda pelo incentivo incessante com uma obrigação inspirada para que esta história ganhasse força e fosse publicada neste livro. Agradeço à Amanda Lacerda pelo apoio e o cuidado com cada detalhe de editoração da obra.

Sumário

Prefácio.....	11
Apresentação.....	15
Pelas barrancas do rio Piancó.....	17
A chegada.....	21
Os miseráveis da seca.....	23
A volta.....	27
Ana Furtado e Zuza Lacerda.....	29
O casamento.....	33
Padre Francisco Tavares Arcoverde.....	35
Rumores de Ataque.....	37
A apartação do gado.....	39
As festas de apartação.....	41
Primeiros ataques.....	43
Os Viriatos.....	45
O retorno dos Viriatos.....	47
A matriarca do sertão.....	49
Os engenhos.....	53
Major Possidônio Mangueira e a feira da Vila de São Paulo.....	55
Bode branco.....	59
A posse.....	63
O deputado Zuza Lacerda.....	67

Peregrino e aliados	71
Neco Velho e Praxedes Verdeguer.....	75
Possidônio Mangueira	79
Padre Aristides	81
A intimação.....	85
A intimação 2	87
A república.....	91
Ministro das Relações Exteriores – João Cavalcante Sula	94
Ministro da Marinha – José Cavalcante de Lacerda Neto (Zé Zuza)	94
Ministro da Guerra – Irineu Cavalcante de Lacerda Zuza (Tenente da Guarda Nacional)	95
Ministro dos Transportes – Senhor Ezequiel Moura	96
Ministro da Justiça – Antônio Cavalcante de Lacerda.....	97
Ministro da Agricultura – Manuel Cavalcante de Lacerda (Cadete Lacerda)	98
Embaixador – Luizinho Lacerda.....	98
O julgamento.....	99
O sequestro	103
Negro Sabino Gório	105
A vingança.....	107
Decadência e morte	111
Morrer.....	115
Bibliografia.....	119
Apêndice [acervo do autor]	123
Fotos.....	123
Cartas, certidões, notícias e documentos.....	128



Prefácio

Ao escrever o livro *Os homens querem guerra: A História do Coronel Zuza Lacerda e da República da Estrela no sertão paraibano*, o autor José Sanxer me faz um fascinante convite para escrever sobre o seu livro. Fui tomada por muita emoção, uma emoção que misturava prazer e medo. Prazer porque também sou parte dessa história e medo diante da responsabilidade de assumir uma ação de tamanha envergadura. Fiquei emocionada.

Numa análise mais aprofundada do convite e após a leitura prazerosa do livro, percebi que o ideal seria um texto simples e imparcial. Mas como manter a imparcialidade diante da paixão que tenho pelo autor e por sua obra, além de conhecer de perto toda sua história?

O escritor José Sanxer é amante da história do seu povo. Embora more distante, na Região Norte, mantém contato com as pessoas com as quais conviveu em todo sertão paraibano, especialmente, na região banhada pelo rio Piancó. Desde menino, aventurava-se em busca do desvelamento das histórias contadas e de seus narradores, verticalizando, cada vez mais, o desejo de conhecer e de registrar esses conhecimentos.

Já disse ou já ouvi alguém afirmar que há diferentes ou diversificadas formas para se contar uma história, o mundo da

literatura encontra-se a favor daqueles que se dispõem a contar suas verdades e suas memórias, basta ter talento para narrar. E talento é o que não falta a José Sanxer, além de escritor é artista plástico renomado.

A obra em tela apresenta-se estruturada em capítulos, com narrativas leves e fluentes que aguçam a curiosidade do leitor, em especial, daqueles que conhecem a família e a história dos personagens envolvidos. Elas estão apresentadas por variadas perspectivas, exaltando o motivo-chave do livro: a vida emblemática do Cel. Zuza Lacerda e suas façanhas, provocando a sensibilidade leitora, verdadeiro convite para acompanhar a trama histórica que acontece sob o olhar fiel de quem pesquisou, conhece e pretende eternizá-la.

O autor constrói uma relação íntima com os acontecimentos e registra uma preocupação substancial com a necessidade de verbalizar a imagem memorial que traz da infância quase nômade que vivera, uma memória construída de “déu em déu”, como afirma Jorge Amado.

Olhando pelo viés da emoção, os acontecimentos vividos na infância são a fonte mais forte do autor, porque motivam e justificam o gosto, o prazer e a emoção das pesquisas realizadas. É o olhar de distanciamento, revestido com a semântica da experiência da escuta atenta e sinestésica que só uma criança pode realizar e guardar que garante emoção nos textos. Falo da experiência que nos toca e nos transforma, exigindo fidelidade de pensamento.

Apesar do espaço de tempo que separa os fatos narrados do historiador, não podemos deixar de perceber uma relação direta entre ambos. Cada um no seu momento histórico,

testemunha que existem as intolerâncias, as divisões, principalmente, quando justificadas pelas relações de poder, desencadeadoras de conflitos, geração a geração.

Registro a importância do livro para o panorama histórico, não só regional, mas brasileiro. História de um país que se construiu a partir das pequenas, médias e grandes revoluções lideradas por homens valentes, ousados e heroicos, capazes de defender suas bandeiras. Descrições de acontecimentos e personagens dentro de um contexto político-sócio-econômico e cultural, verdadeiro panorama da história de um povo, que nos foi legada como lição e, por isso, deve ser valorizada como patrimônio.

A memória e a pesquisa dão robustez à proposta literária do escritor José Sanxer, que faz com maestria o registro fiel dos acontecimentos revolucionários regionais, que se somam a outras inúmeras revoluções que aconteceram no Brasil e não podem desaparecer ou cair no esquecimento.

Finalizo registrando a minha admiração pelo autor e por todos aqueles que dedicam suas produções literárias em prol do resgate de fatos históricos, elementos que legitimam a identidade de um povo.

Sineide Lacerda¹

¹ Bacharel em Economia, Licenciada em Letras, Licenciada em Pedagogia, Psicopedagoga Clínica, cursando Licenciatura em História, Especialista em Educação, Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Mestre em Gestão Educacional. Chefe da Inspeção do CREA – PB / Patos – PB. Coordenadora Pedagógica da 6ª Regional de Ensino do Governo Estadual da Paraíba. Profa. da Pós-graduação da UNIFIP – Patos. Poetisa e Escritora.



Apresentação

Meu pai, Manoel Estrela de Lacerda, ou Neco Zuza, como era conhecido em sua mocidade, já havia saído há alguns anos de São Boa Ventura, sua terra natal, mas recebia periodicamente a visita de seu pai José Cavalcante de Lacerda (Zé Zuza), aquele que na República da Estrela foi empossado Ministro da Marinha.

Lembro-me bem as noites sertanejas enluaradas em que meu avô Zé Zuza, sentado na calçada de nossa casa simples, narrava as façanhas do seu avô Coronel Zuza Lacerda, e a proclamação da República da Estrela, na Vila de São Boa Ventura, do Vale do Piancó. Em meio a olhares ávidos e curiosos, se ouviam fatos e nomes de personagens notáveis deste evento que marcou sua época no interior da Paraíba.

Neco Velho, Praxedes Verdeguer, Donária Leite, Major Sula e outros personagens, que ficaram até então guardados nas gavetas da memória, precisam agora ressurgir com a mesma força que tiveram como personagens centrais e marcantes destes acontecimentos.

Esse trabalho que agora apresento tem a honrosa missão de rememorar o exercício do poder socialmente relacionado a estes grupos políticos que compõem as realidades regionais, de

modo que possa ajudar a configurar a política, a economia e as heranças culturais desta época.

A República da Estrela é o campo aqui investigado em que buscamos compreender uma história a partir de uma memória, mesmo que fragmentada, mas que relata os acontecimentos registrados e guardados nos sentimentos dos decursos de nossas vidas, e podem aqui ser recuperados através dos registros e fragmentos da memória coletiva valendo-se da história oral regional. Desse modo, estes “excluídos” da História ganham visibilidade, essa concepção cultural e seus modos de vida ganham evidência.

José Sanxer Paulino de Lacerda



Pelas barrancas do rio Piancó

As oiticicas e os umbuzeiros manchavam de verde a vegetação seca do vale e a jurema unha de gato estreitava o caminho pelos tabuleiros sertanejos. Ouviam-se os chocalhos em badaladas lentas cadenciados pelo tropel da boiada cansada. Aquele dia renderia pouco, não mais que duas léguas de caminhada encurtando o caminho longo da fuga da seca cearense. Já era tarde, hora de procurar um lugar de descanso, o gado magro e cansado poderia não suportar toda a viagem, algumas cabeças já haviam ficado caídas pelo caminho à sorte dos urubus, era comum encontrar ossadas pela caatinga ao longo da viagem.

Era quase final de tarde quando eles chegaram com a boiada à beira de um rio seco, foram seguindo pela areia procurando um poço apartado para dar de beber ao gado. Quando a boiada parou, houve silêncio e calma, no meio do marmeleiro o gado procurava a comida escassa. Zuza logo apeou e procurou se abrigar embaixo de um juazeiro. Verdeguer chegou em seguida trazendo os alforjes de mantimentos. João Gato desencilhava as montarias enquanto Biró preparava a comida tropeira à

base de farinha, rapadura, queijo e jabá. Debaixo do juazeiro, o gado era acompanhado pelo olhar atento do jovem Zuza, sua preocupação era cuidar para que a boiada chegasse em grande número à Vila de São Boa Ventura onde era esperada por dona Donária Leite.

A refeição improvisada com comidas secas trazidas nos alforjes separou a tarde do anoitecer, daí o silêncio entrou pela noite calma, os vaqueiros cansados não se deram conta da enorme lua branca que crescia no céu roubando a luz das estrelas, num espetáculo de beleza e de tragédia. Não se via uma só nuvem na imensidão, as previsões dos profetas da chuva eram de que esse ano seria tão incerto quanto o inverno do ano passado. O sono pesado dos vaqueiros não se intimidava com o canto triste do carão nem com o assobio do vento pela vegetação espinhosa, por certo era necessário muito descanso para recuperar a energia e seguir com aquela boiada faminta, estropiada, de passos lentos, trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

O sono profundo dos vaqueiros também fez com que a noite passasse mais rápido e já nem era dia e as montarias estavam refeitas, homens e animais começavam o ciclo do novo dia guiados pelo sol, o mesmo sol que os perseguia naqueles dias quentes e empoeirados.

Os vaqueiros tangiam o rebanho por todo o dia e à noite descansavam pelos descampados dormindo sob um céu chafurdado. A viagem parecia não ter fim, os mantimentos, nos bisacos, com os dias ficavam minguados e a água do vale, mais difícil e mais salobra.

Diariamente, sem esperar o sol, João Gato aprontava a montaria depois de beberem um café mal coado, o gibão encardido e maltratado cobria-lhe o corpo esquelético adornado por um chapéu de couro amarrotado que já perdera as formas, os bisacos atravessados ao peito levavam mangalhos ralos. A espingarda sempre às costas, era arma artesanal para matar uma ave em busca de bebida ou um preá descuidado. Seguiram assim por dias, por serras e vales de vegetação retorcida e espinhosa fortalecendo a alma pelo sofrimento da caatinga, até que certa manhã avistaram a vila em que terminariam a viagem e que seria o começo de tudo.



A chegada

Ao longe, os feirantes avistaram a nuvem de poeira que acompanhava o gado. Ao som do latido atônito de Tubarão, a boiada estropiada parecia saber que a jornada terminaria ali e em passos forçados adentrou o pequeno corredor de varas enfileiradas que dava acesso ao pátio largo da igreja. Era o dia da feira, a boiada guiada pelo jovem Zuza, causava o maior alvoroço. Velhos e crianças corriam de um lado para o outro em busca de proteção, caindo por cima da sacaria. Por alguns minutos a passagem da boiada causara o maior vexame, mas o transtorno não parecia incomodar, o povo demonstrava contentamento e surpresa com a chegada do gado fazendo comentários sobre este fato quase heróico. Na casa grande um moleque esbaforido retratava toda a cena sob o olhar saltitante da criadagem. Todos da vila ao seu modo foram receber os vaqueiros, as moças se acotovelavam e escancaravam bandas de janelas para ver os vaqueiros passarem, os meninos jogavam sal nos fogaréis na esperança de ver o estouro da boiada ou a relutância de uma novilha ávida, mas nem mesmo se queimassem o Mossoró inteiro alguém zangaria aquele gado cambaio e fatídico.

Como ponteiro do rebanho, vestindo um conjunto de mescla mantido durante toda a viagem em um dos alforjes para ser usado na chegada triunfal, vinha o jovem Zuza à frente da boiada num aboio perseverante, vagaroso, no ritmo dos animais cansados, a fim de excitá-los até os últimos momentos da chegada:

Oi, oi, oi, boizim

Oi, Oi, Oi, vai boi Surubim

Ei lá, ei lá, roooouuuuuu



Os miseráveis da seca

Uma grande seca assolou o sertão nordestino, foram três anos seguidos sem chuvas e sem sementeira que dizimaram a população sertaneja. Embora esse fenômeno fosse um fato natural, também se tornou um flagelo de grande impacto social provocando uma enorme e devastadora influência na estrutura socioeconômica brasileira. Sem colheita, a população ficou faminta e entrou em colapso, os senhores de terra e as famílias mais abastadas buscaram refúgio nas terras verdes pelo litoral, em casa de parentes. Grandes caravanas se formavam ao longo das estradas, senhores montados em cavalos, mulheres, moças e crianças em cima de carros de bois levavam o que sobrara da estiagem, seguidos pelo rebanho tangido pelos vaqueiros.

As pessoas mais pobres percorriam a pé grandes distâncias pelas estradas carroçais empoeiradas. Os adultos carregavam as crianças menores, as mulheres levavam grandes fardos na cabeça, outros puxavam uma vaquinha ou uma cabrinha que restava, sempre acompanhados pelo cachorro de estimação.

Homens e mulheres se amontoavam nas vizinhanças das pequenas cidades ou povoados, chegavam maltrapilhos, de olhos fundos e olhar melancólico, de mãos estendidas apresentando

grande estágio de desnutrição, eram denominados retirantes da seca ou flagelados da seca. Eram, no entanto, antes protegidos pelos latifundiários que outrora lhes defendiam a ferro e fogo num pacto de fidelidade, mas agora, sem serventia, eram segregados, perseguidos e expulsos pelo medo de que pudessem promover ataques às feiras e aos comércios com o intuito de adquirir algum tipo de alimento para saciar-lhes a fome. Cidades e povoados chegavam a triplicar o número de habitantes, a cada dia chegavam novos moradores indesejáveis, estavam também à sorte de vários tipos de doenças, as crianças andavam nuas, sem calçados e os adultos vestidos em trapos, comendo qualquer tipo de animal que se apresentasse. Ratos, calangos, gatos, cachorros e até mesmo urubus.

A seca acabou primeiro com a possibilidade da colheita, depois com os reservatórios de água doce e por fim acabou secando toda a vegetação, matando a criação de animais e uma grande parte da população.

Deste modo, conseqüentemente, afluíra a violência, aumentando assustadoramente o número de furtos e saques aos depósitos de alimentos. As mulheres se prostituíam para ter o que comer, as crianças eram violentadas e algumas exploradas por oportunistas que acabavam lucrando com a miséria alheia. Os senhores proprietários da região logo atribuíram essa violência a esses retirantes caburés que passaram a ser tratados com repressão. O governo imperial procurou uma solução de combate para minimizar os efeitos da seca, criou várias comissões que se embrenharam nos sertões de forma meticulosa, mas sem nenhum sucesso. Muitos retirantes procuraram as terras

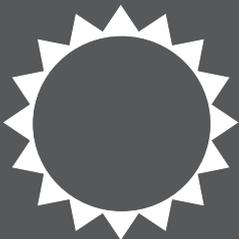
verdes indo em direção ao Pará, seguindo pelo Piauí, muitos deles ficaram pelos caminhos, enterrados em covas rasas ou em valas comuns. Outros migraram de navio para o Pará e a Amazônia, financiados pelo império. Este inevitável desfecho tornara um nordeste farto e festivo em um lugar severo e indomável e só o tempo mostraria os efeitos causados por este indesejado fenômeno que ainda hoje se repete.



Vítimas da Grande Seca – Ceará, 1877
(Fotos de Joaquim Antônio Correia
– Acervo da Fundação Biblioteca
Nacional)

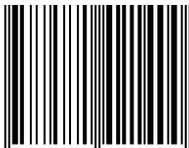


“Era quase final de tarde quando eles chegaram com a boiada à beira de um rio seco, foram seguindo pela areia procurando um poço apartado para dar de beber ao gado. Quando a boiada parou, houve silêncio e calma, no meio do marmeleiro o gado procurava a comida escassa. Zuzá logo apeou e procurou se abrigar embaixo de um juazeiro. Verdeguer chegou em seguida trazendo os alforjes de mantimentos. João Gato desencilhava as montarias enquanto Biró preparava a comida tropeira à base de farinha, rapadura, queijo e jabá. Debaixo do juazeiro, o gado era acompanhado pelo olhar atento do jovem Zuzá, sua preocupação era cuidar para que a boiada chegasse em grande número à Vila de São Boa Ventura onde era esperada por dona Donária Leite.”



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN 978-85-7142-140-0



9 788571 421400